

# VIOLAÇÕES À LIBERDADE DE EXPRESSÃO

---

RELATÓRIO ANUAL 2015



**ABERT**

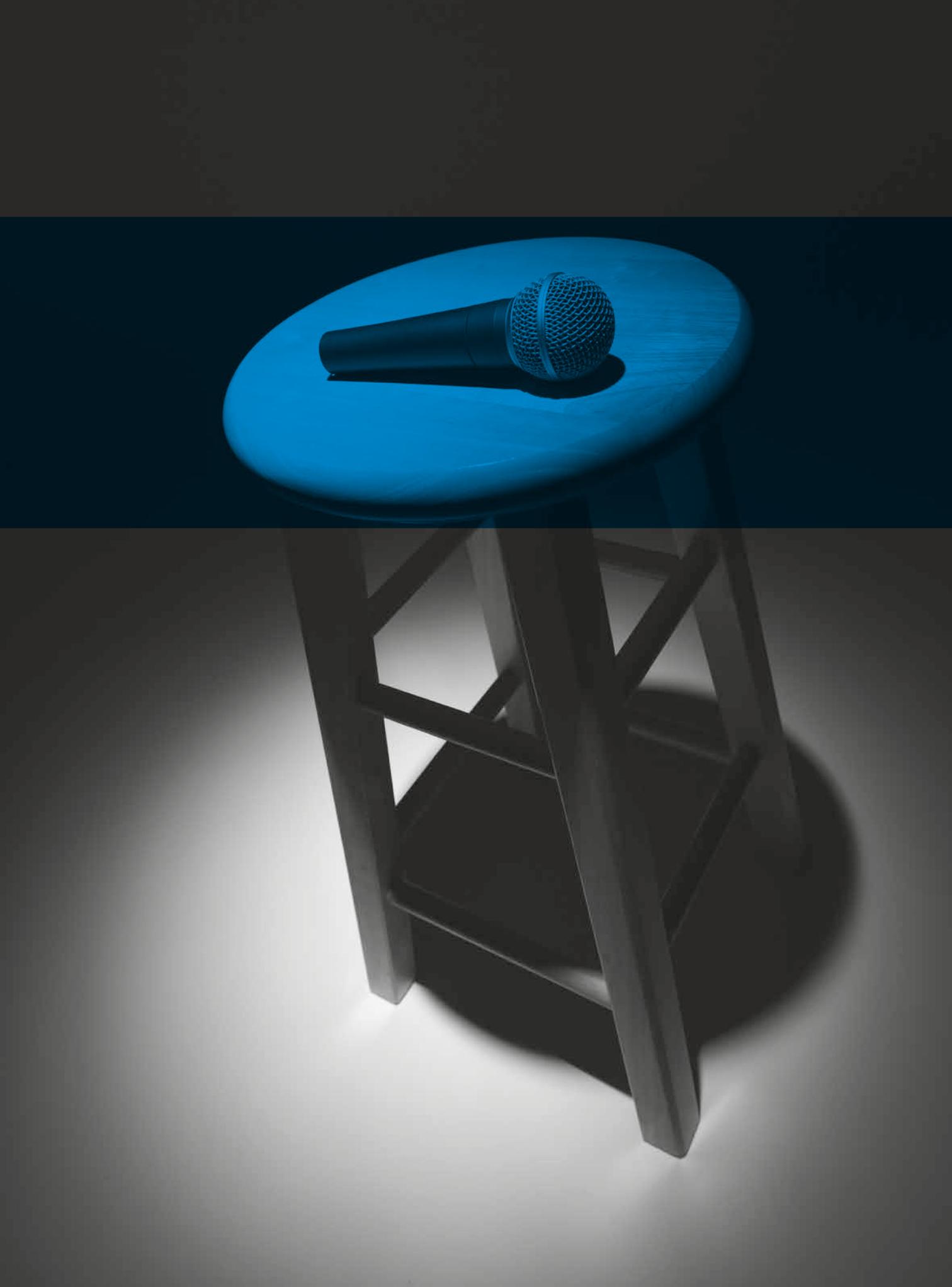


“NINGUÉM PODERÁ  
SER MOLESTADO POR  
SUAS OPINIÕES. TODA  
PESSOA TERÁ DIREITO À  
LIBERDADE DE EXPRESSÃO:  
ESSE DIREITO INCLUIRÁ A  
LIBERDADE DE PROCURAR,  
RECEBER E DIFUNDIR  
INFORMAÇÕES E IDEIAS  
DE QUALQUER NATUREZA,  
INDEPENDENTEMENTE  
DE CONSIDERAÇÕES DE  
FRONTEIRAS, VERBALMENTE  
OU POR ESCRITO, EM FORMA  
IMPRESSA OU ARTÍSTICA,  
OU POR QUALQUER OUTRO  
MEIO DE SUA ESCOLHA.”

**Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos**

Organização das Nações Unidas, 19 de dezembro de 1966

- 
- 6** PALAVRA DO PRESIDENTE
  - 10** PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA
  - 16** VIOLÊNCIA E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL - 2015
  - 24** COMPARAÇÃO COM ANOS ANTERIORES
  - 28** VISÃO DAS AUTORIDADES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA
  - 32** CASOS DE VIOLÊNCIA - 2015
  - 44** DEPOIMENTOS



# PALAVRA DO PRESIDENTE



**Daniel Pimentel Slaviero**  
PRESIDENTE DA ABERT

2015 foi tristemente inaugurado com um dos piores ataques à imprensa e aos profissionais da comunicação.

A tragédia do jornal francês Charlie Hebdo, com o assassinato de oito jornalistas no dia 5 de janeiro, foi uma verdadeira atrocidade à liberdade de expressão e à sociedade do mundo inteiro.

Apesar do contexto que envolveu o massacre dos jornalistas franceses, a realidade brasileira não é diferente.

2015 encerrou seus dias no Brasil com o assassinato de um radialista em Pernambuco e dois blogueiros no Maranhão, em um intervalo de apenas 11 dias, no mês de novembro.

Em comum, o fato de os três profissionais denunciarem regularmente a corrupção de políticos de suas regiões e terem sido vítimas de frequentes ameaças de morte. Nos três casos, os criminosos agiram de modo idêntico: eram motoqueiros armados e encapuzados.

Com o assassinato de outros cinco jornalistas ao longo do ano, incluindo um Paraguaio executado em solo brasileiro, nosso país alcançou, na avaliação de entidades internacionais que atuam em defesa da liberdade de imprensa e de expressão, como a Press Emblem Campaign (PEC) e o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ), lamentáveis colocações como um dos

mais perigosos para o exercício da profissão. Nos 89 casos de ameaças, intimidações, vandalismo e ataques registrados, que vão das agressões físicas aos assassinatos, a violência contra os profissionais da imprensa e a impunidade assustam.

Muitas das vítimas portavam a identificação de jornalista, outras tiveram os ataques gravados, o que em nada modifica a atitude dos agressores, que, em várias situações, são policiais, profissionais que deveriam zelar pela segurança da sociedade e da imprensa, mas que abusam da violência.

É preciso reagir. É preciso coibir. É preciso cobrar.

Não existe sociedade livre sem o direito à informação, à reflexão e sem uma imprensa livre.

Como afirma o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente da Comissão Especial de Defesa da Liberdade de Expressão da OAB, Carlos Ayres Britto, "sem liberdade de expressão, o ser humano não é capaz de evoluir da condição animal para a sentimental, racional e de consciência".

O Relatório de Liberdade de Imprensa da ABERT organiza e joga luz sobre os dados da violência contra jornalistas no Brasil, com o intuito de reforçar a união da sociedade na defesa da liberdade de expressão.





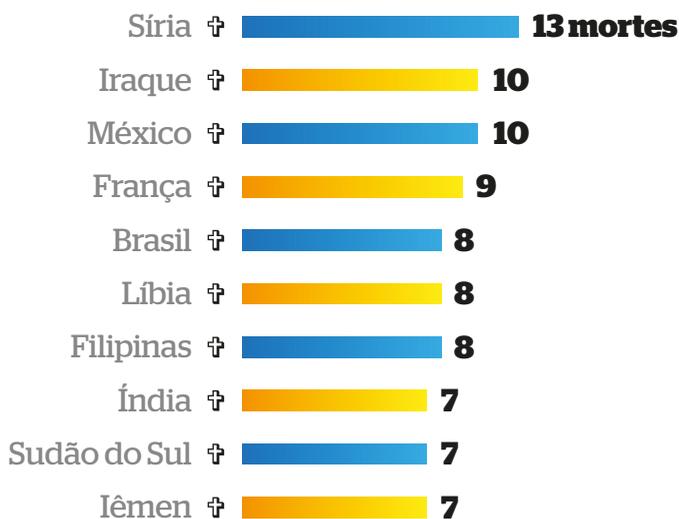
# PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA

## O Brasil no cenário mundial

A violência impune contra os jornalistas tem um impacto devastador. No Brasil, a questão é particularmente grave.

Levantamento anual feito pela Press Emblem Campaign (uma ONG independente criada por jornalistas, com base na Suíça) mostra que o país é hoje o quinto local mais arriscado do mundo para os profissionais de imprensa. Atrás no ranking apenas da Síria, Iraque, México e França, o Brasil aparece em pior situação do que nações como Iêmen e Sudão do Sul, que estão em guerra.

### RANKING PRESS EMBLEM CAMPAIGN - 2015

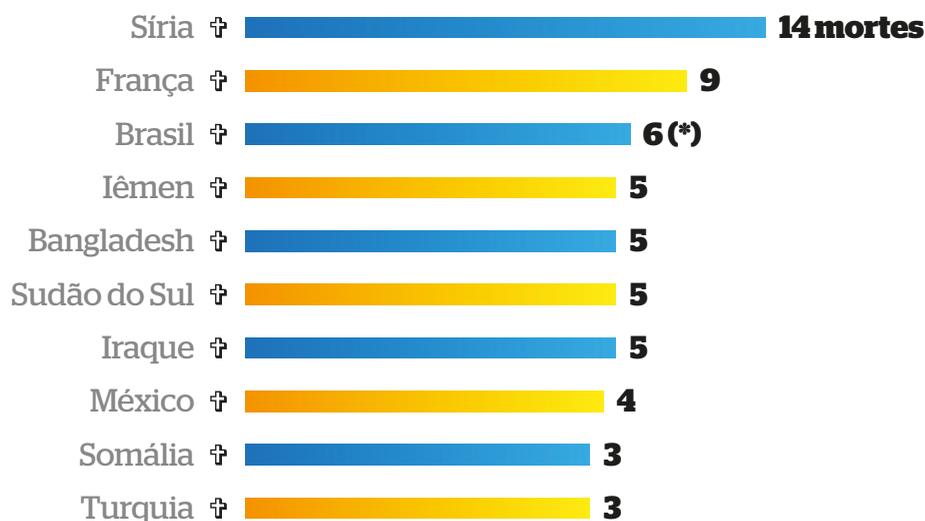


Os resultados podem variar conforme a metodologia adotada. O Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ), por exemplo, contabiliza no país seis assassinatos comprovadamente motivados pelo exercício da profissão. Ainda assim, o Brasil ocupa o terceiro lugar na lista dos mais mortais do mundo divulgada pela organização, à frente do Iraque e da Somália.

Com as seis mortes atribuídas ao exercício da profissão e outras duas ainda sem motivação confirmada, o país teve seu pior desempenho no relatório do CPJ desde 1992, quando a contagem dos assassinatos de jornalistas foi iniciada. Os dados mostram que a situação no Brasil muitas vezes se iguala ou até supera à de países em guerra. A diferença, de acordo com o CPJ, é que a maior parte dos profissionais brasileiros executados não atuava na cobertura de conflitos armados ou situações de violência urbana, mas simplesmente investigava casos de corrupção.

## RANKING COMITÊ PARA A PROTEÇÃO DOS JORNALISTAS - 2015

(mortes com motivação ligada ao jornalismo confirmada)



(\*) Outras duas mortes foram registradas, mas ainda não tiveram a relação com a atividade jornalística confirmada

Usando, entre outros critérios, o respeito à segurança dos jornalistas, a Repórteres Sem Fronteiras elabora anualmente um ranking sobre a liberdade de imprensa com 180 nações. Em 2015, o Brasil subiu 12 posições na classificação, passando do 111º para o 99º posto. Foram utilizados dados de 2014 no levantamento.

A organização afirma que o país se tornou um "pioneiro" na proteção dos direitos civis, mas destaca que garantir a segurança de jornalistas continua sendo uma das grandes dificuldades brasileiras.

## RANKING - LIBERDADE DE IMPRENSA NO MUNDO REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS - 2015 (\*)



(\*) Foram utilizados dados de 2014 no levantamento.

---

Por isso, na avaliação de Emmanuel Colombié, chefe do escritório da entidade na América Latina, o progresso no ranking não significa avanços reais na liberdade de imprensa. “Infelizmente a situação no Brasil não melhorou, continua violenta. Entre os problemas principais estão a corrupção, a falta de políticas para aprimorar a proteção dos profissionais e o conflito de interesses entre os poderes políticos, econômicos, religiosos e a mídia”, declarou Colombié à ABERT.

Mesmo subindo 12 posições, a colocação brasileira ainda é bastante desconfortável. O país está muito atrás da Jamaica, Namíbia, Argentina e Uruguai, entre outros. Desde 2002, só esteve em pior situação

em outras duas ocasiões: em 2013 e 2012, quando ficou em 108º lugar. A RSF ressalta ainda que o índice aponta uma deterioração global da liberdade de informação. Assolado por guerras, ameaças crescentes de grupos como o Estado Islâmico, crise econômica e violência durante manifestações, o mundo viu a liberdade de imprensa retroceder nos cinco continentes. Dois terços dos 180 países analisados caíram no ranking em relação a 2014.

Além do respeito à segurança dos jornalistas, os critérios considerados para a análise são pluralismo e independência da mídia e ambiente legislativo, institucional e de infraestrutura para o desempenho da atividade da imprensa.

---





# VIOLÊNCIA E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL

## 2015

Três execuções em apenas 11 dias. Uma sequência de mortes batizada por organizações internacionais de monitoramento da atividade jornalística como o novembro negro no Brasil. Mas o total de profissionais de mídia mortos no país em 2015 foi ainda mais assustador: oito. O número é tão impressionante que rendeu ao Brasil um lugar de destaque no ranking das nações mais perigosas do mundo para o exercício do jornalismo.

A violência contra a imprensa é um dos grandes problemas da atualidade porque tem um significado que vai muito além do assassinato e das agressões individuais contra jornalistas. É uma brutalidade que gera um ambiente de medo, intimida e provoca a autocensura. Se uma imprensa livre contribui para o aperfeiçoamento democrático quando combate a corrupção, fiscaliza governos, denuncia a criminalidade e ajuda a promover a paz, as ameaças a seus profissionais colocam a sociedade em risco.

Toda vez que um profissional de imprensa ou um veículo de comunicação é impedido de noticiar um fato, quem mais perde é a sociedade, que se vê proibida do direito à informação. Diferentemente dos relatórios anteriores, quando os dados computados no período de outubro a outubro eram apresentados durante a Conferência da Associação Internacional de Radiodifusão (AIR), que, por tradição, acontece naquele mês, a edição de 2015 do Relatório de Liberdade de Imprensa da ABERT fez um ajuste do período, compilando os casos ocorridos ao longo de todo o ano, de janeiro a dezembro.

## RELATÓRIO LIBERDADE DE IMPRENSA - 2015

	Assassinatos	<b>8</b>
	Julgamentos / condenações	<b>2</b>
	Agressões	<b>41</b>
	Atentados	<b>3</b>
	Ataques / vandalismos	<b>3</b>
	Ameaças	<b>14</b>
	Detenções / prisões	<b>8</b>
	Ofensas	<b>1</b>
	Intimidações / insultos	<b>9</b>
<b>TOTAL</b>		<b>89</b>

Os números mostram que não se pode mais esperar. O governo federal, dos Estados e o Congresso Nacional precisam agir na tentativa de reduzir todo o tipo de violência contra os jornalistas no exercício da profissão.

De nada adianta a existência de projetos de lei se eles não forem analisados e aprovados com a urgência que a situação impõe. Mais do que simplesmente anunciar a criação de comissões que não saem nem mesmo do papel, a ABERT espera que os governantes realmente ajam para combater a impunidade que tanto estimula a perpetuação da violência que amedronta e cala profissionais de imprensa no país.

A mudança é de longo prazo, mas pode começar dentro dos próprios governos, com o treinamento de agentes de segurança pública. Policiais devem constantemente ser orientados em relação ao óbvio: jornalistas não podem ser tratados como alvo. Muito menos se estiverem devidamente identificados como profissionais de imprensa.

Agentes que desrespeitarem o princípio democrático básico da convivência entre diferentes devem ser punidos com severidade. Só o exemplo pode desestimular os abusos cada vez mais frequentes. Em uma época em que muitos ataques e crimes são até mesmo registrados em imagens

feitas pelas vítimas e testemunhas, a Justiça também não pode se eximir da responsabilidade de agir com maior rapidez na condenação dos acusados.

A "coragem" dos assassinos e agressores se alimenta da apatia da sociedade e de seus governantes, que, em pleno século

21, muitas vezes ainda vêm a imprensa como uma inimiga a ser combatida.

À ABERT, entidade que tem como principal missão a defesa da liberdade de imprensa e de expressão, cabe a eterna fiscalização e o trabalho constante para que os crimes do passado não sejam esquecidos.



## ASSASSINATOS

**Gleydson Carvalho** foi assassinado a tiros por dois homens que invadiram o estúdio da rádio onde ele trabalhava, em Camocim, no Ceará. Os autores dos disparos entraram no local enquanto Carvalho apresentava seu programa. O radialista, conhecido por denunciar irregularidades cometidas por políticos da região, morreu minutos depois,

enquanto era levado para o hospital. O crime, que aconteceu em agosto, ilustra bem o perfil das vítimas fatais no jornalismo em 2015. Todos os oito mortos eram homens. Seis deles foram executados no Nordeste. E a maioria, morta a tiros, estava envolvida com a cobertura da política local. Quatro eram radialistas e outros quatro, blogueiros.

### PERFIL DOS ASSASSINATOS NO BRASIL

	<b>Região (*)</b>	Nordeste Sudeste Centro-Oeste	<b>6</b> (dois no MA, um em PE, AL, BA e CE) <b>1</b> (MG) <b>1</b> (MS)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>8</b>
	<b>Área de atuação</b>	Política local, críticas a governantes Investigativo Segurança Pública	<b>6</b> <b>1</b> <b>1</b>
	<b>Veículo</b>	Rádio Internet	<b>4</b> <b>4</b>
	<b>Morte</b>	Baleados Decapitado	<b>7</b> <b>1</b>

(\*) Houve casos com mais de uma vítima

Em junho de 2015, os crimes contra a mídia no país já chamavam a atenção. Depois que três jornalistas foram executados em maio — dois deles em menos de uma semana, a organização internacional Repórteres Sem Fronteira divulgou uma carta aberta à presidente Dilma Rousseff pedindo punição aos assassinos.

Os Relatórios ABERT de Liberdade de Imprensa no Brasil mostram que não faltam mesmo motivos para preocupação. Desde 2012 há uma tendência de crescimento no número de ataques fatais aos profissionais de imprensa. Antes dos oito mortos de 2015, já haviam sido registrados cinco casos entre 2012-13 e outros sete, entre 2013-14. Uma tendência que vem sendo notada no mundo todo. Organizações internacionais atribuem esse cenário ao fracasso das políticas criadas para a proteção dos profissionais e à impunidade. O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, já se declarou profundamente preocupado com a situação.

Em outubro de 2015, o CPJ divulgou seu Índice Global de Impunidade, com 14 países. O Brasil aparece na 11ª posição. Foram analisados os assassinatos de jornalistas que ocorreram no mundo todo entre 1º de setembro de 2005 e 31 de agosto de 2015. Apenas as nações com cinco ou mais casos sem solução foram incluídas na lista.

Embora mais da metade delas sejam democracias com instituições judiciais e organismos de ordem pública em funcionamento, o relatório mostra que os assassinos de pelo menos 96 jornalistas continuam impunes na última década. Segundo a entidade, isso demonstra “ausência da vontade política necessária” para processar os culpados.

O comitê aponta também que 96% das vítimas são jornalistas locais, a maioria envolvida na cobertura política e de casos de corrupção. Muitos foram alvos de ameaças antes dos homicídios e grande parte ainda sofreu torturas, em uma “tentativa evidente de transmitir a mensagem intimidadora aos meios de comunicação”. Outro dado preocupante: grupos políticos (entre eles, facções armadas) são suspeitos de 46% das mortes, um aumento de 6% em relação a 2014. Já funcionários governamentais e militares são considerados os principais suspeitos em quase 25% das ocorrências.

No caso do Brasil, o CPJ afirma haver um “crescente histórico” nas condenações por esses crimes, mas ressalta que a velocidade da violência supera a da justiça e que responsabilizar os mandantes dos crimes continua sendo um desafio. “Em particular, se levarmos em conta o fato de os funcionários governamentais locais serem os principais suspeitos na maioria dos casos”, diz o texto.



## JULGAMENTOS

Dois homicídios de profissionais da imprensa de grande repercussão tiveram andamento na Justiça brasileira em 2015.

Em 19 de junho, Alessandro Neves Alves foi condenado a 16 anos de prisão, em regime fechado, pelo assassinato do jornalista investigativo Rodrigo Neto, em março de 2013, em Minas Gerais. Radialista e repórter do Jornal Vale do Aço, Neto era conhecido por abordar casos que a polícia não havia conseguido solucionar. Segundo o Comitê Rodrigo Neto, criado para acompanhar a investigação, entre as histórias apuradas pelo jornalista, estavam execuções praticadas por um suposto grupo de extermínio formado por policiais. O delegado encarregado do caso afirmou que as evidências apontavam para queima de arquivo e o Ministério Público ressaltou a existência de provas “fartas e claras” contra o acusado. Alves negou participação no crime e seu advogado tentou atribuir a responsabilidade pela morte ao fotógrafo Walgney Assis de Carvalho, assassinado pouco depois de Neto. Ainda assim, o acusado foi preso.

Condenado a 12 anos de reclusão, em 2014, pelo mesmo homicídio, o ex-

policial Lucio Lírio Leal também cumpre pena. A defesa de Leal entrou com um recurso que aguarda julgamento no Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Segundo o TJ, caso aprovada, a medida beneficiará os dois réus, já que ambos são acusados do mesmo crime.

Novidades importantes também no caso do cinegrafista Santiago Andrade, da Band, morto em fevereiro de 2014, depois de ser atingido na cabeça por um rojão.

Em maio, o Ministério Público do Rio de Janeiro recorreu da decisão do Tribunal de Justiça, que retirou a acusação de homicídio triplamente qualificado contra os autores do disparo do rojão, Fabio Raposo e Caio Silva de Souza. Se mantida, a alteração reduzirá drasticamente a pena dos dois em caso de condenação. O recurso aguarda julgamento no Superior Tribunal de Justiça. Raposo e Souza chegaram a ser presos, mas agora respondem ao processo em liberdade.

O cinegrafista foi ferido enquanto registrava o confronto entre manifestantes e policiais durante um protesto, no centro do Rio, contra o aumento das passagens de ônibus.



## AGRESSÕES

Os assassinatos são a forma mais extrema de violência contra a imprensa, mas não a única. Os episódios mais frequentes são de agressões cometidas contra jornalistas durante o exercício da atividade profissional. Só em 2015 foram relatados 28 casos, envolvendo 41 profissionais. Houve registros em todo o país, mas a grande maioria ocorreu no Sudeste — 18. As vítimas, em geral, são homens, que trabalham em emissoras de TV.

Já os agressores estão em todos os lugares. A maior parte apareceu como alvo da apuração de reportagens, mas muitos eram policiais, manifestantes e seguranças particulares. Até mesmo um assessor parlamentar surgiu na lista. As formas mais comuns de agressão são chutes e socos. Mas existem também casos de ferimentos com balas de borracha, tiros, mordidas de cachorros da polícia e investidas para a retirada dos equipamentos dos profissionais. Chama a atenção ainda o fato de haver

imagens de alguns dos ataques, que acabaram sendo feitas pelas próprias vítimas ou por outros jornalistas. E o mais surpreendente: muitos dos profissionais atacados estavam claramente identificados como “IMPrensa”. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o repórter fotográfico Felipe Laroza, em São Paulo. O profissional, que registrava um protesto do Movimento Passe Livre

contra o aumento das passagens de ônibus, na capital paulista, recebeu um golpe de cassetete de um policial militar nas costas. Laroza carregava um crachá de identificação e ainda dois adesivos — um com o nome da revista em que trabalha e outro com a palavra “imprensa”. Uma câmera instalada no capacete do fotógrafo filmou toda a agressão.

## PERFIL DAS AGRESSÕES NO BRASIL

	<b>Região (*)</b>	Sudeste	<b>18</b> (8 em SP, 6 no RJ, 3 em MG, 1 ES)
		Sul	<b>3</b> (PR = 2 e SC=1)
		Nordeste	<b>3</b> (BA, PE e PI)
		Centro-Oeste	<b>2</b> (MT e MS)
		Norte	<b>2</b> (TO e AC)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>36</b>
		Mulheres	<b>5</b>
	<b>Veículo</b>	TV	<b>14</b>
		Jornal	<b>7</b>
		Internet (blogs e sites)	<b>5</b>
		Revista	<b>1</b>
		Não informado	<b>1</b>
	<b>Agressores</b>	Alvo da apuração	<b>8</b>
		Policiais	<b>6</b>
		Manifestantes	<b>5</b>
		Seguranças particulares	<b>4</b>
		Não identificados	<b>4</b>
		Assessor parlamentar	<b>1</b>

(\*) Houve casos com mais de uma vítima



## AMEAÇAS

Depois das agressões, as ameaças são o tipo mais comum de violência contra profissionais de imprensa. Doze casos foram relatados em 2015, envolvendo 14 profissionais. A maioria, na região Sul do país. Homens e profissionais de TV mais uma vez são as vítimas preferenciais. Foram ameaças de morte, violência física e contra equipamentos de trabalho.

Em um dos relatos, um produtor da afiliada da Rede Globo no Paraná recebeu ameaças de morte pelo telefone. No momento, ele apurava denúncias de corrupção e pedofilia ligadas a funcionários da Receita estadual. O jornalista ouviu que seria assassinado durante um assalto forjado em um estabelecimento comercial em Londrina. Preocupada, a emissora providenciou a retirada do produtor da cidade. Os principais autores identificados nas ameaças registradas em 2015 foram os alvos das reportagens e policiais.

### PERFIL DAS AMEAÇAS NO BRASIL

	<b>Região (*)</b>	Sul	<b>4</b> (PR=2, RS e SC)
		Sudeste	<b>3</b> (RJ=1, SP e MG)
		Nordeste	<b>3</b> (CE=2, BA)
		Não especificada	<b>2</b> (MT e MS)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>13</b>
		Mulheres	<b>1</b>
	<b>Veículo</b>	TV	<b>4</b>
		Jornal	<b>3</b>
		Rádio	<b>2</b>
		Internet	<b>2</b>
		Sindicato	<b>1</b>

(\*) Houve casos com mais de uma vítima



## ATENTADOS, ATAQUES, VANDALISMOS, INTIMIDAÇÕES, PRISÕES E OFENSAS

Em 2015 três jornalistas também foram vítimas de atentados. Dois tiveram as residências alvejadas por tiros em São Paulo e um, em Pernambuco. Nesse último caso, a vítima, de acordo com informações da polícia, teve de ser integrada a um programa de proteção a testemunhas.

Ainda houve três episódios de vandalismo durante o ano. Dois deles em São Paulo e um em Goiás. Além de um incêndio em uma agência de publicidade de um grupo de comunicação, dois veículos de órgãos de imprensa foram atacados. Também foram relatados episódios de prisão, envolvendo oito profissionais,

quase todos nas regiões Sul e Sudeste. Embora a polícia seja a maior responsável pelas ações, uma equipe de TV foi mantida dentro de uma escola por assessores de uma secretaria municipal de educação, em Minas Gerais. Os servidores exigiam que uma entrevista com a Secretaria fosse apagada antes de liberar a equipe. Os jornalistas só foram soltos, uma hora depois, quando o diretor de jornalismo da emissora foi até a escola. A gravação não foi apagada.

Em agosto, uma repórter da mesma TV foi vítima de ofensa de caráter machista durante uma sessão da Assembleia Legislativa do Paraná. Um deputado questionou, no plenário, a maneira como a jornalista teria conseguido informações sobre um bloqueio em suas contas para o eventual ressarcimento de valores pagos a uma funcionária fantasma. "O que essa jornalista deu para conseguir essas informações privilegiadas?", perguntou o deputado, falando da tribuna.

Os casos de intimidações ou insultos foram nove ao longo do ano, com nove profissionais. Um jornalista de um portal foi intimidado em agosto, na cidade de Camocim, no Ceará. Na época, ele publicava reportagens sobre a morte do radialista Gleydson Soares na mesma cidade, dias antes. Ao perceber estar sendo seguido por um homem em uma moto sem placa, o repórter pediu ajuda a policiais militares, que tiveram de acompanhar o jornalista até seu destino. Os PMs então aconselharam o repórter a sempre andar escoltado na cidade.

Outro caso emblemático envolveu cinco jornalistas de dois jornais de Curitiba, no Paraná. Todos relataram intimidações da polícia para que revelassem suas fontes em matérias de grande repercussão. Os profissionais afirmaram ter sido interrogados pelo menos 20 vezes.

## PERFIL DAS INTIMIDAÇÕES NO BRASIL

	<b>Região (*)</b>	Sudeste	<b>2</b> (RJ)
		Nordeste	<b>1</b> (CE e MA)
		Sul	<b>1</b> (PR)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>6</b>
		Mulheres	<b>1</b>
		Não especificados	<b>2</b>
	<b>Veículo</b>	TV	<b>3</b>
		Jornal	<b>2</b>
		Internet	<b>1</b>

(\*) Houve casos com mais de uma vítima

# COMPARAÇÃO COM ANOS ANTERIORES

A evolução do número de casos de violência contra profissionais da imprensa pode ser observada a partir dos levantamentos de 2012/2013, 2013/2014 e 2015. Os assassinatos cresceram, enquanto os anos de 2013 e 2014, conhecidos pelas manifestações populares contra o aumento de tarifas do transporte público e Copa do Mundo, tiveram maior número de registros.

## COMPARAÇÃO / ANOS ANTERIORES

	<b>Assassinatos</b>	2015	<b>8</b>
		2013/2014	<b>7</b>
		2012/2013	<b>5</b>
	<b>Julgamentos / condenações</b>	2015	<b>2</b>
		2013/2014	<b>2</b>
		2012/2013	-
	<b>Agressões</b>	2015	<b>41</b>
		2013/2014	<b>66</b>
		2012/2013	<b>4</b>
	<b>Atentados</b>	2015	<b>3</b>
		2013/2014	<b>6</b>
		2012/2013	<b>8</b>
	<b>Ataques / vandalismos</b>	2015	<b>3</b>
		2013/2014	<b>15</b>
		2012/2013	-
	<b>Ameaças</b>	2015	<b>14</b>
		2013/2014	<b>15</b>
		2012/2013	<b>10</b>
	<b>Detenções / prisões</b>	2015	<b>8</b>
		2013/2014	<b>11</b>
		2012/2013	-
	<b>Ofensas</b>	2015	<b>1</b>
		2013/2014	-
		2012/2013	-
	<b>Intimidações / insultos</b>	2015	<b>9</b>
		2013/2014	<b>11</b>
		2012/2013	<b>11</b>
	<b>Censura</b>	2015	-
		2013/2014	<b>6</b>
		2012/2013	<b>4</b>

---

### DURANTE A COPA DO MUNDO (2014)

---



**Agressões / intimidações**

**29**



**Ataques / vandalismos**

**4**



**Detenções**

**2**

---

---

### DURANTE AS MANIFESTAÇÕES (2013)

---



**Agressões / intimidações**

**72**



**Ataques / vandalismos**

**15**



**Detenções**

**7**

---



# VISÃO DAS AUTORIDADES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA

A ONU (Organização das Nações Unidas) já reconhece que a morte de jornalistas representa uma clara ameaça à circulação de informações. Por isso, em maio de 2015, o Conselho de Segurança da organização adotou, por unanimidade, uma resolução em que cobra ações mais abrangentes dos Estados para a proteção de jornalistas em situações de conflito armado. No documento, o Conselho ainda pede medidas para que os culpados por crimes contra a imprensa sejam responsabilizados.

Em 2013, a entidade proclamou a data de 2 de novembro como o Dia Internacional para Acabar com a Impunidade em Crimes contra Jornalistas. Na ocasião, também já havia cobrado dos governos que os responsáveis pelos crimes fossem levados à Justiça e que as vítimas recebessem as devidas reparações. A preocupação é grande porque, segundo especialistas no assunto, na prática, a impunidade tem aumentado “de forma constante” ao longo da última década.

Há um consenso de que a transparência e a prestação de contas às vítimas e ao público, assim como o contato constante com a mídia e organizações não governamentais, são a chave para o sucesso de políticas que garantam o castigo dos infratores.

Não é à toa que a cobrança da opinião pública nacional e internacional tem feito com que alguns criminosos sejam levados a julgamento em vários países. Nesse ponto, o CPJ destaca positivamente o desempenho da Justiça brasileira.

Na avaliação do comitê, a impunidade se deve basicamente a uma combinação de falta de vontade política com dificuldade na aplicação das leis. Daí a importância do comprometimento dos governos das mais diversas nações na tentativa de solucionar a questão. Levando-se em conta que muitos dos responsáveis pelos crimes no mundo são agentes do Estado, funcionários de governos ou militares, a vontade política para punir se torna ainda mais essencial.

Nesse sentido, a presidente Dilma Rousseff prometeu uma política de “impunidade zero” à delegação internacional do CPJ que visitou o país em 2014.

Às autoridades brasileiras, o grupo fez recomendações como a aprovação de reformas nas leis que tornem federais os crimes contra a liberdade de expressão e a diminuição dos prazos de investigações.

A Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM) informou que o governo “tem se mobilizado” para garantir a segurança dos profissionais da comunicação. Em nota, declarou que um grupo de trabalho do então Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana elaborou, em 2012, um relatório com propostas para promover os direitos dos comunicadores no país. A principal recomendação foi a criação do Observatório Nacional da Violência contra Comunicadores. Mas até hoje o projeto não saiu do papel.

O governo afirmou ainda que tramita no Congresso Nacional um projeto de lei que prevê a transferência para a Polícia Federal de investigações contra autoridades públicas quando a investigação estadual ou municipal passar de 90 dias. Nesses casos, ficaria configurada “omissão ou ineficiência” e a PF passaria a agir inclusive em situações de crimes contra a mídia. Um outro projeto de lei, explicou a SECOM, propõe que crimes cometidos contra a vida, a segurança e a integridade de jornalistas no exercício da profissão sejam considerados hediondos.

De acordo com a Secretaria de Comunicação, o Ministério da Justiça também vem mantendo diálogo com entidades representativas de classe, poder legislativo e governos estaduais para adotar medidas preventivas de proteção à imprensa. Um exemplo, disse, foi a portaria que estabeleceu diretrizes sobre o uso da força pelos agentes de segurança, a sugestão de equipamentos de proteção para repórteres e um curso de cobertura jornalística em ações públicas.

Um encontro entre a Associação Brasileira de Imprensa e o ministério definiu que a ABI ainda enviará ao governo denúncias de agressões e ameaças a profissionais para que a Secretaria Nacional de Segurança Pública possa encaminhá-las às polícias estaduais. A parceria será oficializada por meio de um Termo de Cooperação Técnica.

“A segurança dos profissionais ligados à atividade jornalística é imprescindível para o fortalecimento do estado democrático. Qualquer tipo de violência contra jornalistas é uma ameaça à liberdade de imprensa, garantida na Constituição Brasileira e defendida pelo governo Dilma Rousseff”, declarou o ministro Edinho Silva, da Secretaria de Comunicação da Presidência.

Ele afirmou repudiar com “veemência” os assassinatos de jornalistas e prestou solidariedade às famílias e aos colegas das vítimas. “Considero imprescindível para a manutenção da democracia que todas as denúncias — desde hostilizações e tentativas de intimidação até homicídios — sejam investigadas, e os culpados, punidos com o rigor da lei”, disse o ministro.

O presidente do Congresso Nacional, Renan Calheiros, também condenou a violência contra a mídia. “Não se concebe uma sociedade moderna, justa e desenvolvida sem o livre exercício do jornalismo. Não é mais possível o gozo pleno das liberdades individuais sem que ao cidadão seja permitido receber informações do que acontece no dia a dia”, declarou Renan. “Cada ato de violência contra jornalistas não atinge somente um cidadão e seus familiares, mas também toda a sociedade. É nosso dever, principalmente enquanto agentes públicos, trabalhar para retirar o Brasil do triste ranking contra a violência desses profissionais e evitar que o ato se transforme em mais um ato comum de violência.” Na avaliação de Renan, apenas com uma legislação criminal “boa e contemporânea” será possível desenvolver ações eficazes no combate tanto à violência quanto à impunidade.





CANON LENS EF 40mm 1:2.8

CANON LENS MADE IN JAPAN

# CASOS DE VIOLÊNCIA

2015



## ASSASSINATOS

**5 de março** – O radialista paraguaio **Gerardo Ceferino Servían Coronel**, da rádio Ciudad Nueva FM, em Sanja Pytã, no Paraguai, é assassinado a tiros, em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. Imagens de câmeras de segurança mostram o momento em que dois homens se aproximam de Servían e atiram. Depois de ser ferido por pelo menos seis disparos, ele perdeu o controle da moto que conduzia e morreu antes de ser socorrido. A vítima havia se mudado para Ponta Porã para que as filhas estudassem no Brasil. O irmão do radialista afirmou que é normal jornalistas serem silenciados a tiros na região, mas negou que Servían tenha recebido ameaças de morte. Um colega que não quis se identificar declarou que o paraguaio havia feito críticas ao prefeito da cidade de Sanja Pytã, Marcelino Rolón, que tentaria a reeleição em 2015.

**18 de maio** – O jornalista **Evany José Metzker**, que mantinha o blog de notícias “Coruja do Vale”, é encontrado decapitado na zona rural de Padre Paraíso, em Minas Gerais. A polícia investiga a hipótese de queima de arquivo, já que Metzker trabalhava em um blog investigativo sobre polícia e política. O corpo da vítima apresentava sinais de tortura. Ainda assim, a primeira delegada encarregada do caso não descartava a possibilidade de crime passional.

**23 de maio** – O radialista **Djalma Santos da Conceição**, apresentador do programa “Acorda Cidade”, da rádio comunitária RCA FM 87.9, de Conceição da Feira, no Recôncavo Baiano, é sequestrado e morto. O corpo da vítima foi encontrado, com sinais de tortura, no povoado de Timbó, na zona rural do município. Segundo a polícia, três homens encapuzados capturaram o radialista, no município de Governador Mangabeira. O jornalista foi executado com 15 tiros. Em seu programa, Santos costumava falar sobre crimes e emitir opiniões sobre política. A família afirma que ele recebia ameaças constantemente.

**6 de agosto** – O radialista **Gleydson Carvalho** é assassinado a tiros em Camocim, no Ceará. No momento do crime, ele estava no estúdio da Rádio Liberdade, onde apresentava o programa “Liberdade em Revista”. Dois homens invadiram o local e dispararam duas vezes. O radialista era conhecido por denunciar irregularidades cometidas por políticos da região. O delegado responsável pelo caso afirmou que o radialista foi alvo de um atentado e descartou a possibilidade de assalto.

**24 de outubro** – O blogueiro **Antônio Victor Lopes**, que costumava fazer denúncias sobre políticos e empresários, é morto a tiros e tijoladas na cidade de Pilar, em Alagoas. A polícia iniciou as investigações a respeito do caso analisando a atuação política da vítima. O blog era reconhecido pelo Sindicato dos Jornalistas de Alagoas, embora Lopes não tivesse registro profissional.

**10 de novembro** – O radialista **Israel Gonçalves Silva** é assassinado a tiros, em Lagoa de Itaenga, na Zona da Mata de Pernambuco. Segundo informações da Polícia Militar, o crime foi cometido por dois homens em uma moto. A dupla abordou a vítima em frente a uma loja, no centro da cidade, e fez vários disparos com arma de fogo de grosso calibre. Pelo menos dois tiros atingiram Silva, que morreu no local. O radialista trabalhava na Rádio Comunitária Itaenga FM e também era guarda municipal concursado. Em seu programa, tratava sobre segurança pública. Pouco antes do crime, afirmou, no ar, estar sendo ameaçado de morte. Segundo o Sindicato dos Radialistas de PE, esse foi o terceiro assassinato de um profissional da área no Estado desde 2014.

**13 de novembro** – O blogueiro **Ítalo Diniz** é assassinado por dois motoqueiros, depois de ser atingido por quatro disparos de armas de fogo em Governador Nunes Freire, no Maranhão. Ele já havia registrado boletins de ocorrência revelando sofrer ameaças de morte. Diniz fazia postagens de caráter político. Segundo investigações da polícia, o jornalista estaria incomodando políticos da região.

**21 de novembro** – O blogueiro **Orislandio Timóteo Araújo**, conhecido como Roberto Lano, é assassinado em Buriticupu, no Maranhão, por um motoqueiro. Atingido por um tiro na cabeça, morreu no local do crime. A Polícia Militar trabalha com a hipótese de execução. Lano denunciava políticos locais em seu blog. A última postagem feita pelo jornalista tinha como alvo José Gomes (PMDB), prefeito de Buriticupu.



## JULGAMENTOS/CONDENAÇÕES

**9 de junho** – A 3ª Vice-Presidência do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro admite os recursos ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e ao Supremo Tribunal Federal (STF), propostos pelo Ministério Público do Rio de Janeiro no caso do assassinato do cinegrafista da TV Bandeirantes, **Santiago Andrade**. O MP questiona decisão da 8ª Câmara Criminal de retirar a acusação de homicídio triplamente qualificado contra Fábio Raposo e Caio Silva de Souza, acusados pelo crime. Andrade foi morto em fevereiro de 2014, depois de ser atingido na cabeça por um rojão. Em março, a 8ª Câmara classificou o crime apenas como “explosão seguida de morte”, o que deu aos dois o direito de responder ao processo em liberdade. O MP também afirma que a decisão retirou dos jurados a competência que somente eles teriam para julgar crimes dolosos contra a vida. Os recursos aguardam julgamento.

**19 de junho** – Alessandro Neves Alves, acusado pela morte do jornalista **Rodrigo Neto**, assassinado em março de 2013, em Ipatinga, Minas Gerais, é condenado pelo Conselho de Sentença do Tribunal de Justiça do Estado a 16 anos de reclusão, em regime fechado. Em 2014, o ex-policial civil Lúcio Lírio Leal já havia sido condenado a 12 anos de prisão pelo mesmo crime. Durante o julgamento, o advogado de defesa alegou que havia uma série de contradições no processo. Tentou ainda incriminar o fotógrafo Walgney Assis Carvalho — também executado a tiros — pelo homicídio de Neto. O Ministério Público destacou que a existência de provas “fartas e claras” levavam ao nome de Alves. O réu negou participação no crime. O delegado encarregado do caso disse que as evidências levavam a crer em queima de arquivo. Alves e Leal estão presos, aguardando análise de recurso apresentado pela defesa do ex-policial.



## AGRESSÕES

**6 de janeiro** – O jornalista **Pedro Borges**, da Rede Meio Norte, grupo de comunicação de Teresina, no Piauí, é agredido durante reportagem de TV sobre um tiroteio que matou um homem e feriu uma criança de dois anos. O repórter foi atingido com um chute nas costas por um morador do bairro Parque Alvorada, zona norte de Teresina.

**11 de janeiro** – Durante a cobertura de um acidente de trânsito para a Inter TV dos Vales, afiliada da TV Globo em Minas Gerais, o cinegrafista **Kassem Said Naaman** é agredido por um dos homens envolvidos na batida. O profissional registrava imagens acompanhado da repórter Ana Carolina Magalhães, quando foi atacado. O caso aconteceu em Governador Valadares, no interior mineiro. O responsável pelo ataque foi

identificado como Fernando Alves da Silva. Antes de bater no cinegrafista, Silva já havia atacado o dono do automóvel com um capacete. O agressor foi preso, mas pagou fiança de dois salários mínimos e acabou liberado.

**16 de janeiro** – O repórter fotográfico **Felipe Laroza**, da revista *Vice*, é agredido por um policial militar enquanto cobria um protesto do Movimento Passe Livre contra o aumento das passagens de transporte público em São Paulo. Laroza recebeu um golpe de cassetete nas costas. Com uma câmera no capacete, ele filmou a ação. A *Vice* denunciou o fato à presidência do Tribunal de Justiça Militar, à Secretaria de Segurança Pública e à Ouvidoria da Polícia Militar. Com as imagens, a publicação enviou ao poder público a denúncia

de agressão. O texto destaca que “o golpe foi desferido intencionalmente, de maneira sádica, ilegal, ilegítima, desnecessária, desproporcional, indiscriminada e injustificada”. Além de máscara, óculos e capacete, o repórter fotográfico estava identificado com um crachá e dois adesivos na cabeça com as palavras “imprensa” e “Vice”.

**23 de janeiro** – O jornalista **Edgar Maciel**, de “O Estado de S. Paulo”, é atingido na perna por bala de borracha. Ele cobria a manifestação contra o aumento do preço dos transportes públicos, em São Paulo. O tiro partiu da PM. O jornalista levou três pontos.

**27 de janeiro** – O jornalista **Fernando Otto**, do jornal “O Estado de S. Paulo”, é atingido por um tiro de bala de borracha durante protesto contra o aumento da tarifa de transporte público em São Paulo. Otto foi ferido na perna enquanto gravava a ação de “black blocs” que depredavam vidros. A bala atingiu um celular que ele carregava no bolso. O aparelho ficou totalmente destruído. Imagens feitas no local mostram o policial atirando na direção de Otto.

**21 de fevereiro** – Ao sair de uma delegacia na Grande Florianópolis, o volante França, do Figueirense, tenta agredir o **cinematógrafo** da RIC TV, afiliada da Record em Santa Catarina. O jogador, que teve de ser contido por policiais, deixava o local após ser detido por uma confusão dentro de uma casa noturna. Liberado depois de assinar um termo circunstanciado, França tentou agredir o profissional com chutes e tapas.

**10 de março** – A jornalista **Gina Menezes**, do site ContilNet Notícias, é agredida por Sandro Guimarães Barroso, assessor do deputado estadual Josa da Farmácia (PTN), na Assembleia Legislativa do Acre. Depois de uma discussão, Menezes disse ter sido empurrada e agredida verbalmente por Barroso na presença

de vários jornalistas, seguranças e deputados. Ela registrou um boletim de ocorrência por danos morais.

**28 de março** – Um **cinematógrafo** da TV Globo foi agredido em Cabo Frio, no Rio de Janeiro, enquanto acompanhava fiscais do Ibama em uma operação sobre a venda ilegal de peixes. O acusado de comércio ilegal se irritou com a filmagem e agrediu o profissional com vários tapas na câmera.

**4 de abril** – **Claudinei Plaza**, fotógrafo do jornal “Diário do Grande ABC”, é agredido pelo meia Michel, do Santo André, depois de uma partida. O profissional acompanhava a discussão entre jogadores e torcedores no estacionamento de um estádio, quando foi atacado pelo jogador com um soco. O meia, que ainda tentou chutar o fotógrafo, retirou o equipamento de Plaza. Outros atletas quiseram, à força, fazer com que as fotos fossem apagadas. Pouco depois, Michel pediu desculpas ao fotógrafo, dizendo estar de “cabeça quente” no momento da agressão.

**12 de abril** – O fotógrafo **Beto Novaes**, do jornal “Estado de Minas”, é agredido enquanto trabalhava na cobertura de protesto contra a presidente Dilma Rousseff, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. Pela semelhança física com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Novaes costuma ser abordado por pessoas que pedem fotos a seu lado. Em um desses momentos, um grupo de quatro rapazes o cercou. “Eles começaram a me empurrar, me deram um chute na coxa e pediram para eu sair”, contou. Mesmo com o crachá do jornal, os agressores continuaram a insultá-lo.

**24 de abril** – Um **repórter cinematográfico** do SBT e três profissionais da TV Globo são agredidos física e verbalmente durante a cobertura de protesto de professores da rede estadual em São Paulo. Segundo o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado (APEOESP), manifestantes e policiais militares, os agressores eram

“black blocks” infiltrados no ato. Cerca de 70 pessoas cercaram a repórter **Michele Barros**, da TV Globo, **o cinegrafista e o produtor** que a acompanhavam. Quando perceberam que a ação era filmada por outros jornalistas, os agressores jogaram sacos de lixo nos profissionais. O cinegrafista do SBT foi atingido na cabeça e revidou, mas acabou derrubado no chão. Ele então levou chutes, socos e teve seu equipamento quebrado. Outros dois profissionais também tiveram suas câmeras danificadas.

**29 de abril** – Um cinegrafista da Band é atacado por um cachorro da Polícia Militar durante protesto de professores que teve 150 feridos nas imediações da Assembleia Legislativa do Paraná, em Curitiba.

**Luiz Carlos de Jesus** foi mordido por um cão da raça pitbull na parte interna da perna direita, enquanto gravava imagens da confusão. Na mesma ação, outro cão do polícia, um pastor alemão, mordeu a mão de um deputado.

**5 de maio** – Uma equipe de reportagem da TV Pública do Tocantins é agredida por um segurança do Hospital Geral Público de Palmas. Apesar de terem autorização para gravar no local, a repórter **Charlyne Sueste** e o cinegrafista **Elciomar Lino de Aguiar** foram recebidos com hostilidade por um dos seguranças da empresa terceirizada do hospital. Segundo a repórter, o agressor deu um golpe na câmera e, aos empurrões, mandou que desligassem o equipamento. Aguiar foi ferido na boca, peito, queixo e braço esquerdo. O segurança também empurrou Charlyne e a agrediu verbalmente.

**20 de maio** – O repórter fotográfico **Marcos Vieira**, do jornal “O Itaboraí”, do Rio de Janeiro, é baleado durante uma operação da Polícia Militar e do Batalhão de Operações Especiais no Complexo do Viradouro, em Niterói (RJ). O tiro feriu um dos braços de Vieira. O fotógrafo afirmou que já havia feito imagens da operação, quando sua

câmera caiu no chão e ele percebeu ter sido atingido em um dos braços e na mão. Segundo testemunhas, não havia tiroteio no momento, o que aumenta a suspeita de que o disparo possa ter sido propositalmente direcionado a alguém.

**13 de junho** – Um segurança do Hospital Auxiliadora de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, agride **um jornalista** do site “TL Notícias” que tentava registrar imagens de um paciente que chegava ao local depois de um acidente. O segurança tentou retirar os equipamentos das equipes de reportagem que estavam na unidade. A ação foi gravada e será apresentada no processo contra a empresa responsável pelo funcionário. A Polícia Militar foi chamada e um boletim de ocorrência, registrado na delegacia.

**17 de junho** – O blogueiro **Ed Soares** é agredido em Barreiros, Pernambuco. Soares foi abordado por dois homens com um cassetete e uma arma de fogo. Depois de ser golpeado na cabeça duas vezes, foi atingido com dois tiros nas pernas. Conhecido por reportagens de fiscalização e críticas ao poder público local, Soares tem um histórico de ameaças. Quatro dias antes do crime, recebeu mensagens intimidadoras por meio de um perfil falso no Facebook. O caso é investigado como tentativa de assassinato.

**5 de julho** – O jornalista **Marivaldo Filho**, editor de política do site “Bocão News”, de Salvador, na Bahia, usa sua página pessoal do Facebook para denunciar agressões de policiais. O jornalista disse ter sido golpeado enquanto fotografava PMs atacando um amigo que havia colocado um copo de cerveja sobre um dos carros da corporação. Um dos policiais então ordenou que Marivaldo Filho apagasse as fotos. As agressões começaram depois que ele afirmou ser jornalista. A vítima declarou ter recebido ordem de prisão por desacato e desobediência e depois ter sido colocada na viatura de

forma agressiva, com socos na cabeça. O jornalista ainda foi ferido com um objeto não identificado e que provocou uma lesão na qual recebeu oito pontos.

**17 de julho** – O repórter **Alexandre Aprá**, do Blog “Isso é Notícia”, de Mato Grosso, é agredido com socos por uma pessoa não identificada. O jornalista atribui o ataque a investigações sobre política e corrupção locais. Reportagens em seu blog mostraram que uma juíza teria usado um laranja para adquirir um apartamento posto em leilão realizado pela Justiça do Trabalho. A apuração motivou uma investigação da Corregedoria do TRT, que aplicou pena de aposentaria compulsória à juíza. Aprá chegou a ser procurado para que não publicasse mais nada sobre o caso.

**24 de Julho** – A jornalista **Cecilia Flesch**, repórter da GloboNews, é agredida por taxistas enquanto cobria as manifestações contra o aplicativo “Uber”, no Rio de Janeiro. A profissional foi empurrada, chutada e teve o braço arranhado.

**13 de agosto** – O repórter fotográfico **Denilton Dias**, do jornal mineiro “O Tempo”, é atingido por pelo menos três tiros de bala de borracha em uma das pernas durante manifestação contra reajuste das tarifas de ônibus, em Belo Horizonte. O protesto terminou em confusão entre Polícia Militar e manifestantes. Um vídeo divulgado por um integrante do portal “Coletivo Carranca” mostra um PM atirando balas de borracha na direção dos repórteres.

**31 de agosto** – O repórter **Geilson Ferreira** e o cinegrafista **Alex Pereira**, ambos da TV Tribuna, afiliada do SBT no Espírito Santo, são agredidos por Adilson Pereira Ribeiro, suspeito de estuprar menores em Serra (ES). Acompanhado por policiais, Ribeiro saía da delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente em Vitória quando começaram os socos, chutes e

mordidas. Ferreira e Pereira ficaram com hematomas no corpo, tiveram as roupas rasgadas e o equipamento quebrado.

**4 de setembro** – **Lucas Salles**, repórter do CQC, é agredido por um entrevistado durante gravação, em São Paulo. Salles preparava um quadro em que buscava pessoas que se manifestavam de maneira agressiva nas redes sociais. O alvo da reportagem havia elogiado, no Twitter, os policiais acusados de terem praticado uma chacina em Osasco, em São Paulo. “Bandido bom é bandido morto”, escreveu. Identificado como “amigo de policiais”, ele se irritou ao ser questionado sobre a autoria da chacina e sobre o fato de somente seis das 19 vítimas terem registros criminais. “Ele encheu a mão e me bateu com todo o gosto do mundo. Depois, ainda deu uma cabeçada. Está doendo até agora”, disse Salles.

**10 de setembro** – O cinegrafista **Giomar Rangel**, da TV Record, sofre ferimentos leves no rosto, causados por estilhaços de vidro quando o carro de reportagem foi atingido por um tiro da Polícia Militar no Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho, na zona norte do Rio. O repórter Ernani Alves e o motorista Edson Rocha nada sofreram.

**27 de setembro** – **Cinco fotógrafos** são agredidos por seguranças da cantora Rihanna enquanto tentavam fotografá-la deixando uma churrascaria da zona sul do Rio de Janeiro. Um dos seguranças deu um tapa no rosto de um dos profissionais, que reclamou da atitude e recebeu ordem de prisão de um dos homens. O segurança afirmou ser policial civil. Os fotógrafos chegaram a filmar a confusão, mas decidiram não registrar ocorrência alegando que os agressores se desculparam.

**8 de outubro** – Uma **equipe de reportagem** da TV Globo é agredida durante cobertura de protesto de taxistas contra nova categoria de “táxis pretos”, em frente à

Prefeitura de São Paulo. Houve tensão entre repórteres e manifestantes. O cinegrafista da emissora foi agredido com um soco e uma rasteira.

**12 de dezembro** – O superintendente de futebol do Paraná Clube, Durval Lara Ribeiro, agride com um soco um **repórter da Gazeta do Povo**. Segundo o Sindicato dos Jornalistas do Paraná, o jornalista, que não teve seu nome divulgado, cobria as eleições do Clube Atlético Paranaense quando foi ferido com um soco na barriga. Ribeiro ainda retirou o celular do repórter após ser fotografado e o ameaçou. “Se cuide que você vai levar umas porradas ainda”, afirmou.

**17 de dezembro** – Uma equipe do CQC, então programa da Band, é agredida por supostos funcionários da prefeitura de Paraty, no litoral sul do Rio de Janeiro. Segundo relatos da equipe, o prefeito Carlos José Gama Miranda (PT) assistiu a tudo sem se manifestar. “Nunca imaginei que pudessem tentar impedir a gente de

gravar na frente de um prefeito. (...) Como isso pode acontecer na frente de uma autoridade pública e ela não fazer nada, não falar nada?”, questionou o repórter **Erick Krominski**. Além de Krominski, a produtora **Fernanda Rodrigues** e o cinegrafista **Pedro Melão** estavam em Paraty para uma apuração sobre suposto descaso na fiscalização de um ônibus, o que teria provocado um acidente com 15 vítimas fatais, na área da praia de Trindade, em setembro. Em nota, a prefeitura declarou que a equipe tentou invadir o gabinete e que Miranda foi alvo de agressões verbais e ameaças.

**29 de dezembro** – Um grupo de taxistas agride com socos e pontapés integrantes de uma equipe de reportagem da TV Globo, durante um protesto contra regulamentação do aplicativo de transporte Uber, em frente à Prefeitura de São Paulo. Taxistas que gritavam “fora Globo” cercaram a equipe e agrediram o repórter **Jean Raupp, o cinegrafista e o auxiliar de imagens da emissora**.



## ATENTADOS

**9 de janeiro** – O jornalista **Renato Vargas** registra um boletim de ocorrência relatando que sua casa foi alvo de quatro tiros. Em depoimento à polícia, o jornalista, que mora em Ribeirão Preto, São Paulo, disse que os disparos acertaram o portão da garagem e a porta da sala. Vargas afirmou estar sendo ameaçado de morte. Há suspeitas de que o atentado possa ter ligação com a convocação do jornalista para prestar depoimento ao Ministério Público sobre um processo criminal que corre em segredo de Justiça. Vargas apresentou programas de rádio e TV até 2013.

**8 de maio** – A casa do jornalista **Luiz Aranha**, dono do jornal e site Gazeta do Interior, em Potirendaba, região de São José do Rio Preto, em São Paulo, é alvo de um

atentado a tiros. Dois disparos acertaram o portão e os outros, a parede da frente da residência. Ninguém se feriu. No momento, o jornalista gravava uma matéria sobre a segurança pública na cidade. Aranha afirma não ter suspeitos, mas acredita que a motivação tenha sido seu trabalho.

**9 de junho** – **Um jornalista**, que não teve o nome revelado, sofre um atentado em frente à própria casa, na cidade de Glória do Goitacá, na Zona da Mata de Pernambuco. O repórter, que contribuiu com as investigações sobre um suposto cartel para a contratação de serviços de transporte escolar em prefeituras do interior, foi colocado em um programa de proteção à testemunha pela polícia. O atentado aconteceu dias depois de a vítima prestar depoimento sobre o caso.



## ATAQUES/VANDALISMOS

**8 de fevereiro** – Um carro de reportagem da Rádio Jovem Pan é atacado por homens da torcida organizada do Palmeiras, antes de um clássico contra o Corinthians, em São Paulo. O motorista estava sozinho no momento da ação. Ele dirigia após ter deixado a equipe no estádio, quando um grupo de cerca de 50 torcedores começou a dar tapas no carro. O retrovisor do veículo foi quebrado.

**21 de fevereiro** – Um carro da TV Serra Dourada, de Goiás, é destruído por manifestantes que tomaram as ruas de Goiânia durante protesto contra o aumento da tarifa de ônibus. Houve confronto com policiais e um grupo de aproximadamente 30 pessoas

expulsou o motorista e depredou o veículo, que acabou sendo virado.

**28 de setembro** – A agência de publicidade Crazz, do grupo GCN Comunicação, que edita o jornal Comércio da Franca e opera a Rádio Difusora, ambos na cidade de Franca (SP), é alvo de atentado. Um incêndio destruiu equipamentos, móveis e documentos. O delegado que comanda a investigação afirma que o incêndio tem caráter criminoso. Imagens de câmeras de segurança da empresa registraram um suspeito percorrendo o imóvel momentos antes de as chamas começarem. A agência de publicidade abrigava parte do Centro de Documentação das empresas do grupo.



## AMEAÇAS

**27 de janeiro** – O cinegrafista da RBSTV, Gregori Flauzino, é ameaçado por policiais civis durante a reconstituição da morte do surfista Ricardinho, na Guarda do Embaú, em Palhoça (SC). Flauzino filmava uma trilha próxima à cena do crime, fora da área de isolamento, quando foi abordado por três integrantes da Central de Operações Policiais que ameaçaram detê-lo e apreender o equipamento de filmagem caso não apagasse as imagens. Após deletar o conteúdo, ele foi afastado do local.

**9 de fevereiro** – O editor-chefe do blog Mídia Periférica, Anderson Araujo, é ameaçado por um policial militar de Salvador, na Bahia. A ameaça foi motivada por uma matéria publicada na revista Carta Capital sobre ações da PM em que 15 jovens foram assassinados. Segundo o blogueiro, o policial o abordou e disse que ele deveria “segurar o dedo e parar de escrever” porque ficaria “sem segurança”. O blogueiro havia publicado um vídeo no

qual policiais ordenavam a dois jovens que tirassem a roupa para facilitar a revista durante uma operação em Sussuarana. A PM afirma que os mortos resistiram à abordagem e que parte deles tinha passagem policial por roubo, tráfico de drogas, posse de explosivos e de armas de alto calibre. Movimentos sociais questionam essa versão oficial.

**1º de março** – A blogueira Ana Freitas, do blog Brasil Post, denuncia em sua página ser alvo de ameaças de violência, estupro e perseguição, após publicar um texto sobre machismo e misoginia na internet. A reportagem falava sobre jovens frequentadores de espaços de discussão na web, em que ataques de caráter machista são flagrantes. Após a publicação, usuários anônimos de um fórum a assediaram e ameaçaram. De acordo com a blogueira, depois de descobrirem seu endereço, várias pessoas começaram a lhe enviar fezes, larvas e brinquedos sexuais, entre outras coisas,

pelo correio. Freitas disse que apresentou queixa sobre o assédio em uma Delegacia Especial de Atendimento à Mulher.

**7 de abril** – O fotógrafo **Fabiano Rocha**, do jornal “Extra”, do Rio de Janeiro, é ameaçado por meio de mensagens no Facebook e WhatsApp. As intimidações começaram depois de Rocha ter feito uma foto de um policial do Batalhão de Operações Especiais (Bope) com uma touca ninja durante ação no Complexo do Alemão, o que é considerado irregular. A imagem foi publicada na capa do jornal. A Secretaria de Segurança Pública determinou que a Delegacia de Repressão a Crimes de Informática analise as postagens e puna os autores das ameaças. A corregedoria da PM também abriu uma investigação.

**9 de abril** – O produtor **James Alberti**, da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), afiliada da Rede Globo no Paraná, é ameaçado de morte por telefone. Ele apurava denúncias de corrupção e pedofilia ligadas a funcionários da Receita Estadual. Alberti ouviu um plano para matá-lo em um suposto assalto a um estabelecimento comercial de Londrina. Por questão de segurança, a RPC providenciou a retirada do profissional da cidade. Jornalistas da Gazeta do Povo, do mesmo grupo RPC, também foram pressionados a revelar as fontes de uma reportagem que investigou irregularidades cometidas por policiais civis e militares.

**24 de abril** – O jornalista **Adolfo Pegoraro**, da Rádio Onda Sul FM, é agredido verbalmente e ameaçado fisicamente por Antonio Jacir Gonçalves da Silva, presidente do Francisco Beltrão Futebol Clube, da cidade de Francisco Beltrão (PR). As ameaças e agressões verbais ocorreram no estúdio da rádio, durante o programa esportivo “Placar 98”, e teriam sido motivadas por uma reportagem sobre os problemas do time. O jornalista registrou boletim de ocorrência.

**8 de junho** – O repórter **Leandro Stoliar**, o cinegrafista **Rogério Gomes** e o assistente **André Carvalho**, da TV Record, são ameaçados em um restaurante em Santana do Parnaíba, em São Paulo. A equipe gravava reportagem sobre a existência de um frigorífico clandestino na cidade. O restaurante seria um dos que pontos de receptação da carne irregular. Os profissionais foram hostilizados e ameaçados por dois homens identificados como Djalma e Gélío Olinto. A dupla supostamente teria ligações com a Prefeitura Municipal de Santana de Parnaíba. Com passagens pela polícia, eles simularam estar armados e disseram que quebrariam o equipamento. A confusão foi resolvida depois que o dono do estabelecimento interferiu.

**9 de junho** – O jornalista **Guilherme de Assis**, do “Diário do Barão”, recebe ameaças depois de denúncias de problemas ambientais na cidade de Barão de Cocais (MG). A reportagem abordava uma acusação feita pela Secretaria de Meio Ambiente contra o dono de um terreno que estaria retirando árvores ilegalmente do local. Assis recebeu um telefonema de alguém que se identificava como a vítima da reportagem. O “Diário do Barão” informou que o autor da ameaça depois reafirmou parte dos termos usados durante a ligação e disse que se tratava de “uma questão pessoal”, já que seu nome foi citado apesar de ele ter “avisado” que isso não deveria ser feito.

**11 de junho** – O repórter fotográfico **Wellington Macedo de Souza**, do Diário do Nordeste, em Sobral, no Ceará, é ameaçado por telefone depois que um policial civil divulgou informações sobre ele no Facebook. Nos posts, o policial cita o modelo e cor do veículo de Souza. Para o fotógrafo, com isso, o acusado pretendia intimidá-lo e revelar sua identidade para traficantes. O Sindicato dos Jornalistas do Ceará cobrou medidas da Polícia Civil, inclusive junto à Corregedoria do órgão.

**3 de agosto** – O jornalista e chargista **Augusto Bier**, do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, é ameaçado por meio de um telefonema anônimo para a sua casa, depois de publicar charges com críticas ao governador do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori (PMDB). Segundo Bier, durante a ligação, ele ouviu que deveria parar de fazer “gracinhas” que ofendessem o governador, caso contrário, iria ter os braços quebrados. O chargista registrou boletim de ocorrência e o SindBancários disse que Bier passou a ser acompanhado por um segurança.

**16 de dezembro** – O jornalista **Guilherme Belarmino**, do “Profissão Repórter”, da TV Globo, é ameaçado de morte e sofre ataques racistas nas redes sociais após reportagem sobre o universo

feminista no Brasil. O responsável pelas ameaças, Marcelo Mello, teria começado a intimidação depois de ter aparecido em uma reportagem. Mello afirmou em redes sociais que iria “dar muita porrada” no jornalista e que “desovar os negros”.

**30 de dezembro** – O radialista, advogado e estudante de jornalismo **Ranilson Silva** registra boletim de ocorrência em Crato, no Ceará, por ameaça de morte. Silva, que apresenta o programa “FM Notícia”, na Rádio Nova Olinda FM, contou ter sido abordado por quatro homens em duas motos, quando chegava em casa. Os desconhecidos desceram das motos, agrediram fisicamente o radialista e avisaram que ele deveria deixar de “falar besteira no rádio”. Silva também é assessor de comunicação do prefeito de Nova Olinda, Ronaldo Sampaio (PSD).



## DETENÇÕES/PRISÕES

**20 de janeiro** – **Iverson Vaz**, repórter do “Programa 190”, da CNT, é detido em Curitiba. O jornalista fazia a cobertura ao vivo da explosão de um caixa eletrônico, quando policiais o retiraram da área de isolamento. Já fora do cordão que impedia o acesso do público, os policiais então levaram o equipamento que o repórter usava. Em seguida, Iverson Vaz foi detido. Os policiais o acusaram de desacato e registraram um boletim de ocorrência.

**30 de março** – O jornalista **Dinarte Assunção**, do Portal no Ar, é condenado a dois meses e 20 dias de detenção, convertidos em multa de quase R\$ 4 mil, por publicar um texto no qual questionava o uso de caixões com timbre da administração municipal de Mossoró (RN). Ao falar sobre o caso, o jornalista comparou o prefeito Silveira Júnior, do PSD, a Odorico Paraguaçu, lendário prefeito de Sucupira, a fictícia cidade da minissérie “O Bem Amado”. No

artigo, Dinarte disse que a administração municipal determinou o timbre da gestão nos caixões distribuídos a quem não podia pagar pelos sepultamentos. A juíza Welma Maria Ferreira de Menezes, do Juizado Especial Criminal de Mossoró, que julgou o processo movido por Silvério Júnior, avaliou que a liberdade de imprensa tem limites, e afirmou que não é dado a quem exerce o jornalismo o direito de, “dolosamente”, atingir a honra de quem quer que seja. Após a condenação, o portal publicou editorial em que declara respeitar a decisão judicial, mas reiterou seu direito à crítica.

**12 de março** – **Uma equipe** da TV Candidés, de Minas Gerais, é detida enquanto fazia uma reportagem na escola estadual Monsenhor Domingos, na cidade de Divinópolis. Os assessores da Secretaria de Educação detiveram os jornalistas e ordenaram que a equipe apagasse uma entrevista concedida naquele momento pela secretária da Educação. Segundo

os funcionários, somente se o conteúdo fosse eliminado, a equipe poderia deixar o local. Eles ficaram presos por mais de uma hora e só foram liberados com a chegada do diretor de Jornalismo da emissora. A gravação não foi apagada.

**13 de abril** – Os jornalistas **Giovanna Consentini, Felipe Paiva e Wesley Passos**, do Grupo Jornalistas Livres, são detidos enquanto cobriam a desocupação de um terreno em Jabaquara, Zona Sul de São Paulo (SP). Os repórteres observavam a negociação entre as lideranças do movimento e a Guarda Civil Metropolitana, que tentava convencer os ocupantes a deixar a região antes da chegada da Polícia Militar. No momento em que um policial foi deter um dos ocupantes, pediu a identificação dos jornalistas e ordenou que eles colocassem a “mão na cabeça”. Depois de não aceitar os crachás, solicitou documentos pessoais e passou a fazer perguntas, questionando inclusive se o repórter Felipe Paiva era usuário de drogas. O trio foi chamado de “imprensa bêbada, cheirando a álcool”. Wesley Passos acabou algemado e os três foram levados para o meio da rua e enfileirados, enquanto o tenente pedia que policiais filmassem os profissionais. Segundo o PM, os repórteres estavam “incitando a violência e fazendo as pessoas de massa de manobra para vender matéria”. Todos

foram liberados três horas depois. Em sua página no Facebook, o grupo exibiu imagens do momento da prisão.

**6 de julho** – O jornalista **Paulo Cezar de Andrade Prado**, responsável pelo “Blog do Paulinho”, é preso por difamação, em decorrência de um processo movido por Carlos Miguel Aidar, ex-presidente do São Paulo Futebol Clube, em São Paulo (SP). O bloqueio foi acusado pelo dirigente de ter invadido sua privacidade, ao publicar informações de que estaria recrutando um treinador, baseando-se em mensagens trocadas em um grupo no WhatsApp. Aidar move outros quatro processos contra Paulinho, acusando-o de crime contra a honra.

**9 de agosto** – O repórter fotográfico **Wesley Santos** é detido pela Brigada Militar de Porto Alegre (RS), enquanto cobria a chegada de torcidas a um estádio de futebol. Santos registrou uma tentativa de agressão entre torcedores, que acabou dispersada pela BM. Em seguida, um agente da corporação tentou impedi-lo de fazer imagens no local. Identificado com jaleco, carteira da Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio Grande do Sul e credencial de imprensa, o fotógrafo se negou a parar de fotografar e acabou algemado e conduzido até a delegacia. Um boletim de ocorrência foi registrado.



## OFENSAS

**12 de agosto** – A jornalista **Paola Manfroi**, da RPC, afiliada da TV Globo, é ofendida publicamente durante sessão da Assembleia Legislativa do Paraná pelo deputado estadual e pastor Edson Praczyk (PRB). O deputado assumiu uma atitude machista ao questionar no plenário a maneira como a jornalista teria conseguido as informações para uma matéria. “O que essa jornalista deu para

conseguir essas informações privilegiadas? Como conseguiu isso, se nem eu sabia que tinham embargado, bloqueado minha conta bancária?”, questionou Praczyk, da tribuna. Na reportagem, Manfroi relatava o bloqueio judicial de R\$ 308 mil nas contas do deputado e de um assessor, para garantir eventuais ressarcimentos de valores pagos a uma funcionária fantasma do gabinete.



## INTIMIDAÇÕES E INSULTOS

**4 de abril** – **Uma equipe** da GloboNews é cercada e hostilizada durante manifestação de moradores no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. O grupo protestava contra a violência que resultou na morte de quatro pessoas, entre elas, o estudante Eduardo de Jesus Ferreira, de 10 anos, atingido com um tiro de fuzil na cabeça. Os profissionais da emissora foram cercados e vaiados.

**6 de abril** – O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná denuncia ameaças ao direito de sigilo da fonte dos repórteres **Felipe Anibal**, **Diego Ribeiro**, **Albari Rosa** e **Mauri König**, do jornal “A Gazeta do Povo”, e de **Lina Hamdar**, do jornal “Metro”, ambos de Curitiba. Segundo o sindicato, os jornalistas vêm sendo chamados desde 2013 para prestar depoimentos, como testemunhas, em uma série de inquéritos e procedimentos. Houve casos em que o agente suspeito de ser a fonte foi apresentado ao jornalista para ser identificado. Os repórteres afirmam já ter sido interrogados pelo menos 20 vezes. Os investigadores querem descobrir as fontes de reportagens sobre a médica Virgínia Soares Souza, acusada de matar pacientes na UTI de um hospital de Curitiba, e de matérias sobre irregularidades na polícia.

**24 de abril** – **Uma equipe** da TV Mirante, afiliada da Globo no Maranhão, é intimidada por agentes penitenciários fortemente armados, enquanto fazia uma reportagem sobre a fuga do detento Nilson da Silva Sousa do Presídio São Luis 3. O fugitivo era apontado com um dos líderes da maior rebelião registrada no sistema penitenciário do

Estado, em 2010. Os agentes cercaram os profissionais, recolheram seus crachás e, segundo o repórter Marcial Lima, ainda tentaram intimidá-los. Um dos seguranças chegou a empurrar a câmera para evitar as filmagens.

**11 de agosto** – O jornalista **Rômulo Rocha Soares**, do portal 180 graus é vítima de intimidação em Camocim (CE). O portal publicava matérias sobre o assassinato do radialista Gleydson Soares, dias antes. Soares deixava o quartel da PM, onde fazia uma apuração sobre o crime, quando viu um homem em uma moto preta, sem placa, a alguns metros do carro de reportagem. Depois de notar que estava sendo seguido, o jornalista pediu ajuda à PM. Policiais afirmaram que Soares deveria sempre andar escoltado na cidade, já que o clima não era favorável para a atuação jornalística.

**16 de agosto** – O repórter **Paulo Renato Soares** e sua equipe de reportagem da TV Globo são hostilizados por manifestantes, durante protesto em Copacabana, no Rio de Janeiro. A confusão começou quando organizadores do grupo conhecido como “Revoltados Online” perceberam que Soares conversava com manifestantes favoráveis à intervenção militar na política. Em um carro de som, estimularam a multidão ao redor contra a equipe. Diziam que a entrevista poderia deturpar o sentido da manifestação, dando espaço a uma minoria que defende a intervenção militar. Foi necessária a ação policial para proteger os jornalistas. A equipe precisou se afastar do local.

## DEPOIMENTOS



**Renan Calheiros (PMDB-AL)**  
PRESIDENTE DO SENADO

“Nunca é demais lembrar que o ofício do jornalismo é imprescindível para a democracia. Não se concebe uma sociedade moderna, justa e desenvolvida sem o livre exercício do jornalismo. Não é mais possível o gozo pleno das liberdades individuais sem que ao cidadão seja permitido receber informações do que acontece no dia a dia. Quando das duas últimas vezes em que fui eleito presidente do Senado Federal, e por consequência, do Congresso Nacional, fiz o compromisso pela total liberdade de expressão.

Cada ato de violência contra os jornalistas não atinge tão somente um cidadão e os seus familiares, mas também a toda a sociedade. É nosso dever, principalmente enquanto agentes políticos, trabalhar para retirar o Brasil do triste ranking da violência contra esses profissionais e evitar que o ato se transforme em mais um ato comum da violência, a qual considero intolerável para qualquer sociedade.

O Senado Federal compreende a importância da colaboração entre Legislativo, Executivo e Judiciário para combater a violência. Por isso, tem possibilitado espaços de debates e já aprovou diversas leis direcionadas a solucionar problemas ligados ao tema, como a reforma dos Códigos. Apenas a partir de uma boa e contemporânea legislação criminal será possível desenvolver ações realmente eficazes no combate à violência e à impunidade. Sempre acreditei ser imprescindível a defesa do nosso modelo democrático contra qualquer insinuação que pretenda restringir a liberdade de expressão. A liberdade de manifestação do pensamento, além de direito natural do Homem, é a premissa das demais liberdades.”



**Edinho Silva**  
MINISTRO CHEFE DA  
SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO  
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

“Repudio com veemência os assassinatos de profissionais de imprensa no Brasil. Presto minha solidariedade às famílias e aos colegas das vítimas, que perderam as vidas no exercício de uma profissão essencial para o funcionamento da democracia.

A segurança dos profissionais ligados à atividade jornalística é imprescindível para o fortalecimento do estado democrático. Qualquer tipo de violência contra jornalistas é uma ameaça à liberdade de imprensa, garantida na Constituição Brasileira e defendida pelo governo de Dilma Rousseff.

Condeno qualquer ato que possa restringir a liberdade de imprensa no Brasil e considero imprescindível para a manutenção da democracia que todas as denúncias – desde hostilizações e tentativas de intimidação até homicídios – sejam investigadas e, os culpados, punidos com o rigor da lei.

O governo Dilma Rousseff tem se mobilizado para garantir a segurança dos profissionais de comunicação:

A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) protagonizou o Grupo de Trabalho Comunicadores. Criado no âmbito do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), em outubro de 2012, o Grupo de Trabalho elaborou um relatório final de 52 páginas com propostas para promover os direitos de comunicadores no Brasil. A principal recomendação foi a criação de um Observatório Nacional da Violência contra Comunicadores.

A apuração dos crimes contra jornalistas são de competência estadual, mas, tramitam dois Projetos de Lei no Congresso Nacional que tratam do tema. O PL N° 1078/2011 prevê que a Polícia Federal possa investigar denúncias contra autoridades públicas quando a investigação

estadual ou municipal ultrapassar 90 dias, configurando “omissão ou ineficiência”. Pelo projeto, a atuação da PF também será estendida para crimes contra a atividade jornalística. Projeto foi arquivado e depois retomado através do PL 191/2015. Há, ainda, o PL N° 7107/2014, que tornaria crime hediondo aquele cometido contra a vida, a segurança e a integridade de jornalistas no exercício da profissão.

A respeito do assunto, o Ministério da Justiça mantém extensa agenda de trabalho e diálogo com entidades representativas de classe, poder legislativo e governos estaduais, para adotar medidas preventivas de proteção a profissionais de comunicação social, garantindo integridade e liberdade de trabalho, através de medidas preventivas e de eficácia das sanções.

Exemplo disso é a portaria que estabelece diretrizes sobre o uso da força pelos agentes de segurança pública, sugestão de equipamentos de proteção para repórteres e a criação do curso de cobertura jornalística em ações de segurança pública. Essa agenda se intensificou a partir das manifestações de junho de 2013 e se estenderam até o período pós-eleição de 2014.

Desde agosto de 2015, a Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça tem dialogado com a Associação Brasileira de Imprensa sobre prevenção e repressão a crimes contra comunicadores devido ao exercício da profissão. Em encontro entre representantes da ABI e do MJ, ficou decidido que a ABI enviaria denúncias de agressões e ameaças a profissionais para que a Secretaria Nacional de Segurança Pública as encaminhasse às polícias estaduais. Esta parceria deverá ser oficializada por meio de Termo de Cooperação Técnica, contando ainda com a parceria da Federação Nacional dos Jornalistas e da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.



**Eduardo Cunha (PMDB-RJ)**  
PRESIDENTE DA CÂMARA  
DOS DEPUTADOS

“A liberdade de imprensa é um pilar da nossa democracia, e a violência contra jornalistas é um crime contra toda a sociedade, pois atinge a liberdade democrática que tanto lutamos para vivenciar.

O combate a essa violência é difuso, mas passa certamente pela garantia da total liberdade, impedindo ações que representem qualquer tipo de controle de conteúdo dos veículos de comunicação”.



**Ricardo Lewandowski**  
MINISTRO DO SUPREMO  
TRIBUNAL FEDERAL

“Texto...”



**Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão**

Ed. Via Esplanada • SAF/SUL • Qd. 02 • Bl. D • Sala 101 • Asa Sul • Brasília-DF • CEP: 70070-600

Fone: (61) 2104-4600

[www.abert.org.br](http://www.abert.org.br)